

O CORPO FALA: MAPAS CORPORAIS COLETIVOS COMO DISPOSITIVOS ESTÉTICO-ARTÍSTICOS EM TERAPIA OCUPACIONAL

The body speaks: collective body maps as aesthetic-artistic devices in occupational therapy

El cuerpo habla: mapas corporales colectivos como dispositivos estético-artísticos en terapia ocupacional

Beatriz Akemi Takeiti

<https://orcid.org/0000-0003-2847-0787>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Programa de Pós-graduação em em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Monica Villaça Gonçalves

<https://orcid.org/0000-0002-8090-9884>

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Terapia Ocupacional, Vitória, ES, Brasil.

Resumo: Contextualização: Trata-se de uma reflexão sobre o uso de mapas corporais coletivos como dispositivo estético-artístico nas intervenções em Terapia Ocupacional com jovens urbanos periféricos, a partir das experiências de duas docentes em um projeto de extensão universitária. **Processo de intervenção:** Os mapas corporais coletivos foram utilizados em abordagens grupais com jovens urbanos periféricos em diferentes contextos institucionais - numa escola pública do ensino médio, numa organização não governamental e em um espaço público: a rua. **Análise crítica:** Partindo de uma leitura pautada nos princípios da filosofia Ubuntu e dos estudos sobre corporeidade, explora-se os mapas corporais coletivos como forma de comunicar experiências individuais e coletivas e promover solidariedade e redes de sociabilidades territoriais e comunitária na prática com essa população. **Síntese das reflexões:** Os mapas corporais coletivos mostraram-se um potente recurso estético-artístico podendo ser utilizado em práticas terapêuticas ocupacionais em grupo em diversos outros contextos.

Palavras-chave: Mapa corporal. Arte. Cultura. Terapia Ocupacional. Extensão Universitária.

Abstract: Contextualization: This is a reflection on using collective body maps as an aesthetic-artistic device in Occupational Therapy interventions with peripheral urban youth, based on the experiences of two teachers in a university extension project. **Intervention Process:** Collective body maps were used in group approaches with peripheral urban young people in different institutional contexts - in a public high school, a non-governmental organization, and a public space: the street. **Critical Analysis of Practice:** Starting from a reading based on the principles of Ubuntu philosophy and studies on corporeality, collective body maps are explored as a way of communicating individual and collective experiences and promoting solidarity and networks of territorial and community sociability in practice with this population. **Summary of considerations:** Collective body maps proved a powerful aesthetic-artistic resource and can be used in occupational therapeutic practices in groups in several other contexts.

Keywords: Body map. Art. Culture. Occupational therapy. University Extension.

Resumen: Contextualización: Se trata de una reflexión sobre el uso de mapas corporales colectivos como dispositivo estético-artístico en intervenciones de Terapia Ocupacional con jóvenes de la periferia urbana, a partir de las experiencias de dos docentes en un proyecto de extensión universitaria. **Proceso de intervención:** Se utilizaron mapas corporales colectivos en enfoques grupales con jóvenes urbanos periféricos en diferentes contextos institucionales: en una escuela secundaria pública, en una organización no gubernamental y en un espacio público: la calle. **Análisis crítico de la práctica:** A partir de una lectura basada en los principios de la filosofía Ubuntu y los estudios sobre la corporalidad, se exploran los mapas corporales colectivos como una forma de comunicar experiencias individuales y colectivas y promover solidaridad y redes de sociabilidad territorial y comunitaria en la práctica con esta población. **Resumen de consideraciones:** Los mapas corporales colectivos demostraron ser un poderoso recurso estético-artístico y pueden usarse en prácticas terapéuticas ocupacionales en grupo en varios otros contextos.

Palabras-clave: Mapa corporal. Arte. Cultura. Terapia ocupacional. Extensión Universitaria.

Como citar:

Takeiti, B. A.; Gonçalves, M. V. (2025). O corpo fala: mapas corporais coletivos como dispositivos estéticos artísticos em terapia ocupacional. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1): 3153-3162. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto64923

Contextualização

Trata-se de uma reflexão sobre o uso de mapas corporais coletivos como dispositivo estético-artístico nas intervenções em Terapia Ocupacional com jovens urbanos periféricos, a partir das experiências de duas docentes no projeto de extensão “Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território”, desenvolvido no Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Processo de intervenção

As práticas aqui relatadas aconteceram no projeto de extensão “Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território”, desenvolvido no Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde 2015. O projeto realiza ações com jovens periféricos, moradores de favelas localizadas na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, em parceria com duas instituições: uma escola estadual de ensino médio e uma organização não governamental (ONG) (Takeiti & Gonçalves, 2021). As abordagens utilizadas neste projeto priorizam o espaço grupal, acreditando que é nele que a vida comunitária se tece e acontece.

Os mapas corporais realizados em diversos momentos ao longo do projeto foram adaptados ao contexto local e aos objetivos das nossas ações, sendo realizados de forma coletiva, como demonstrado na figura 1. Nomeamos, então, como *mapas corporais coletivos*, pois ao contrário do que é encontrado em grande parte da literatura sobre o uso dessa metodologia, eles foram utilizados no trabalho em grupo, sendo um único corpo representando um coletivo, no nosso caso, um coletivo de jovens periféricos.



Figura 1: Confeção de mapa corporal coletivo na ONG, pelo projeto de extensão.

Fonte: Acervo do “Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território”

Os mapas foram utilizados em diferentes momentos, com diferentes metodologias. Em algumas ações na ONG, a construção coletiva dos mapas corporais tinha como objetivo proporcionar um espaço para que os jovens pudessem expressar seus sentimentos e identidades, falar das experiências no território, na família, na rua. Através do mapa, eles expuseram, esteticamente, questões relacionadas à sexualidade, aos sentimentos que “passam pela cabeça e fazem ficar pensando”, ao que “sentem no coração”. A figura 2 representa um desses mapas, que foi posteriormente levado a um evento acadêmico pelas docentes para uma apresentação de trabalho sobre/com os jovens. Foi uma forma de fazê-los estarem presentes e falarem de si naquele espaço acadêmico.

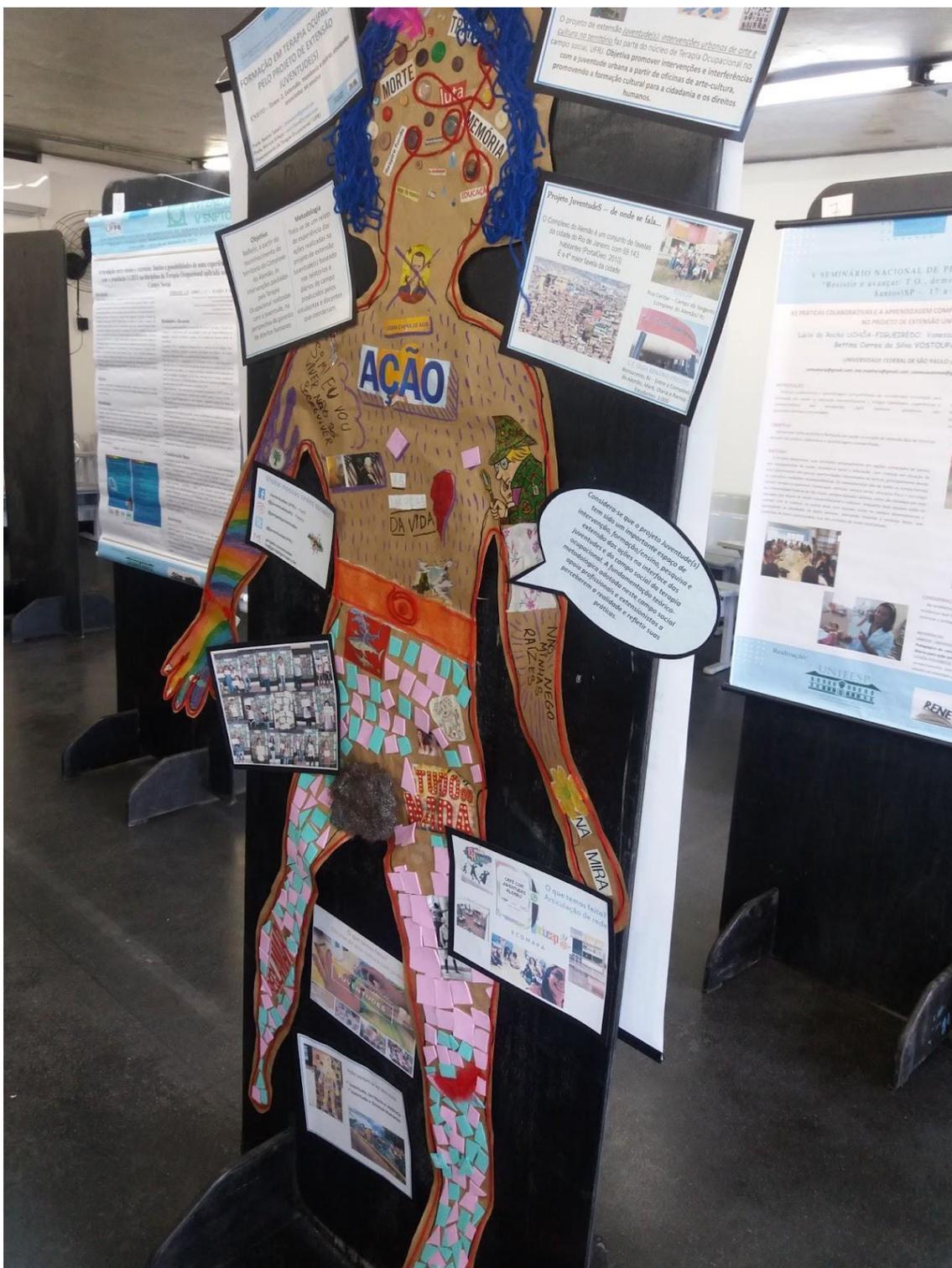


Figura 2: Mapa corporal produzido em projeto de extensão e apresentado em congresso científico.

Fonte: Acervo do “Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território”

Em outras ocasiões, os mapas enquanto instalações interferiram no ambiente, especialmente nas ações na escola. Como mostra a figura 3, no momento de construção desta atividade, o Rio de Janeiro passava por uma intervenção federal, onde a Força Nacional de Segurança Pública foi chamada a fazer parte da política pública de Estado a fim de diminuir os índices de criminalidade, fortalecer as instituições e valorizar as corporações civis e militares. As intervenções de segurança foram fortemente realizadas nas comunidades e favelas do Rio de Janeiro, colocando seus moradores numa verdadeira situação de ameaça à integridade física, afetiva e emocional. Assim, como uma forma de convidar os estudantes a discutirem sobre este cenário ameaçador, realizamos esta intervenção no pátio da escola, colocando um

mapa corporal desenhado em papel kraft, manchado com tinta vermelha e, ao redor do corpo desenhado, post-it e canetas para que eles pudessem expressar o momento vivido. Outras intervenções semelhantes como esta foram realizadas no mesmo espaço, um ambiente com grande circulação dos jovens, onde indagávamos sobre as experiências de violência, a escolha de seus representantes, sobre racismo, sexualidade, identidades de gênero.



Figura 3: Mapas corporais coletivos produzidos pelo projeto de extensão na escola.
Fonte: Acervo do “Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território”

Uma outra experiência com o uso do mapa corporal coletivo foi em um evento chamado “Circulando – diálogo e comunicação na favela”, realizado em uma rua do Complexo do Alemão e promovido pelo Instituto Raízes em Movimento, que teve como tema “Diversidades”¹ (Gonçalves, 2020). O projeto de extensão foi convidado a realizar uma roda de conversa sobre “Juventudes e Direitos Humanos” junto à comunidade local. O mapa corporal coletivo foi construído a muitas mãos, sendo colocado ao chão na rua por onde as pessoas circulavam ao chegarem ao evento, com os materiais ao seu redor. As duas docentes, mobilizadoras da ação, aproveitaram o momento de chegada do público para uma conversa

¹ Sobre o evento ver: <https://www.anf.org.br/circulando-dialogo-e-comunicacao-da-favela/>. Acesso em 19 de julho de 2024.

inicial onde os participantes que não se conheciam anteriormente puderam interagir, dialogar, fazer, criar, imprimir suas percepções sobre diversas questões relacionadas ao ser jovem na favela, como: os preconceitos relacionados à raça, à expressão de gênero e sexualidade; sobre a mobilidade urbana cotidiana e o direito de ir e vir no território e na cidade; sobre orgulho de ser da favela; sobre o medo da violência e o desejo por paz, como pode ser observado na figura 4 abaixo.



Figura 4: Confeção de mapa corporal em evento aberto no Complexo do Alemão.

Fonte: Acervo do "Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território"

Em todas as vivências produzidas utilizando os mapas corporais coletivos, os participantes, em grupo e com diversos recursos materiais disponíveis, eram convidados a experimentar, de forma lúdica e criativa, as percepções, a elaboração crítica e reflexiva de como conceber corpos juvenis na favela.

Análise crítica da prática

As atividades artísticas e estéticas são utilizadas como recurso na Terapia Ocupacional desde seus primórdios. Elas passaram a dinamizar a atuação de terapeutas ocupacionais como uma outra forma de produzir saúde e subjetividades, promovendo maior participação social, promoção de espaços de troca e experimentação de outros modos de produção de vida (Castro et. al, 2016).

As atividades artísticas e culturais ganharam, assim, relevância como dispositivos para a instauração de um estado de criação de novos modos de ser, através da experiência de transformação dos materiais,

da natureza, de si mesmo, do cotidiano, das relações interpessoais, do mundo e da cultura em que se vive, propiciando a participação das pessoas e grupos atendidos em redes de afeto, sentido e interação social (Berleau et. al, 2019, p.118).

Desta forma, os mapas corporais se apresentam como uma destas atividades, como uma metodologia visual de pesquisa e intervenção utilizada para explorar e comunicar experiências individuais e coletivas, especialmente em contextos nos quais as narrativas tradicionais podem ser limitadas ou inacessíveis, seja por barreiras linguísticas ou por dificuldades de expressão verbal por outros motivos, como deficiências, timidez, vergonha, repressão. Originados no campo da saúde e das ciências sociais, os mapas corporais, também chamados de mapas corporais narrados ou *body map storytelling*, envolvem a representação gráfica do corpo humano em um grande papel ou tela, onde os participantes podem desenhar, escrever e colar imagens que simbolizam suas experiências, emoções, memórias e condições de vida (Gastaldo et. al, 2012; Hartman et. al, 2011). Hartman et. al (2011) enfatizam que os mapas corporais podem revelar aspectos da vida cotidiana, das ocupações, identidades e contextos culturais dos participantes. Além disso, propiciam um maior engajamento dos participantes, promovendo a autoexpressão e a reflexão crítica sobre suas próprias vidas e realidades vivenciadas.

As práticas aqui apresentadas propõem uma nova utilização dos mapas corporais na Terapia Ocupacional, diferente das relatadas por estas autoras, sendo uma atividade *coletiva*, no qual um único corpo expressa muitas dimensões e subjetividades juvenis. Inspiramo-nos na filosofia africana *Ubuntu*, que pode ser traduzida por "eu sou porque nós somos" (Vasconcelos, 2017). Trata-se de um conceito moral e uma prática de vida que destaca a importância da comunidade e da interconexão entre os indivíduos, contrapondo-se ao individualismo das sociedades ocidentais. Desta forma, são enfatizados valores como solidariedade, respeito, empatia e generosidade, propondo uma ética coletiva onde o bem-estar do grupo é prioritário sobre os interesses individuais (Vasconcelos, 2017). Segundo Vasconcelos (2017), essa filosofia pode contribuir para a construção de sociedades mais justas e equitativas, defendendo que sua adoção pode ajudar na promoção da coesão e da justiça social. Utilizar os princípios do *Ubuntu* na prática terapêutica ocupacional propicia ambientes inclusivos e colaborativos. Nos auxilia a compreender como em um determinado território, com relações tão fragmentadas, o senso de cooperação, de solidariedade, de vínculos pode ser partilhado em uma atividade que tem apenas um corpo a ser narrado - um corpo coletivo.

A partir dessa compreensão, em nossas práticas utilizando os mapas corporais coletivos com jovens periféricos, buscando evidenciar como as atividades artísticas-estéticas que realizamos nos diferentes contextos apontam como direcionamento a construção de redes de sociabilidades e solidariedade, compreendidas, a partir da leitura de Milton Santos (2001), como uma prática cotidiana, na qual os indivíduos reconhecem sua interdependência e trabalham juntos para construir um comum a todos, resistindo às dinâmicas de exclusão territorial promovidas pelo desenvolvimento desigual. Nesta perspectiva, esta solidariedade micro se articula com as lutas macro por direitos e justiça social.

Pensar nas corporeidades que habitam estes corpos nos convidam a entendê-los para além de sua forma física, biomecânica, mas sim perceber que um corpo é formado "pelas inscrições históricas, culturais, pelas experiências vividas [...] Nele tudo se produz: subjetividade, cultura, sociedade, poderes, opressões e desejos etc" (Almeida, 2004, p.10). Ainda, compreende-se que os corpos são sempre

relacionais, pois estão em conexão com outros corpos produzindo possibilidades de ser e estar no espaço (Castro et. al, 2011). É necessário pensar a corporeidade a partir das experiências vividas num tempo e num determinado lugar. No mapa corporal coletivo, por exemplo, a corporeidade coletiva é expressa levando-se em consideração todos esses aspectos. Compartilhamos com Almeida (2004) de que a corporeidade atravessa todo o ato do fazer e, portanto, os processos terapêuticos ocupacionais, uma vez que toda ação, toda a experiência e ocupação tem como consequências novas estruturas corporais. Assim, não se torna possível falarmos em corpos juvenis expressos nos mapas corporais coletivos não situando-os a partir da corporeidade que os produz neste processo. Passamos a pensar em corpos e corporeidades juvenis a partir deste entrelaçamento de fazeres artísticos, fossem eles construídos nos espaços institucionais da escola da organização não-governamental, ou no espaço público da rua, apostando que este fazer articulado em rede possibilitou produzir novos corpos em diferentes cotidianos existentes.

Para os jovens que participaram do projeto nos diferentes espaços, o corpo único, desenhado em um grande papel pardo representou, em diversos momentos, todos os atravessamentos que eles viviam e vivem física e simbolicamente em seus corpos por serem quem são, diante de todas as interseccionalidades de suas identidades: jovens, periféricos, favelados, pretos, LGBTQIA+, estudantes de escolas públicas, moradores de favela, usuários de serviços de saúde mental, dentre tantas outras identidades que ainda sejam possíveis nomear.

Ao realizar as atividades com mapas corporais, foi possível, em diversos momentos destes processos, perceber maior conscientização dos jovens participantes sobre suas realidades, podendo estes imprimirem concretamente no papel, muitos outros corpos possíveis e desejáveis - corpos com sentimentos, desejos, sonhos, mas, também, corpos que resistem à vida na favela. Um senso de pertencimento àquele grupo-território foi possível existir, porque para além da produção estético-artística do mapa corporal coletivo, se construíram outras redes de solidariedade a partir dos novos vínculos produzidos. Ubuntu!

Síntese das considerações

Os mapas corporais coletivos mostram-se um potente recurso artístico-estético na abordagem grupal com jovens urbanos periféricos, sendo um disparador de diálogos, reflexões críticas e conscientização coletiva sobre dada realidade, além do fortalecimento da solidariedade comunitária-territorial. Compreende-se que este pode ser um recurso utilizado em práticas terapêuticas ocupacionais em outros contextos.

Referências

Almeida, M. V. M. de. (2004). *Corpo e Arte em Terapia Ocupacional*. Enelivros Editora.

Buelau, R. M., Castro, E.L., Inforsato, E.A., Lima, E.A. (2019). *Arte, Saúde e Cultura na formação*

em Terapia Ocupacional: atividades, corpo e produção de subjetividade na experiência do PACTO, In: Silva, C. S. (org). *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: Saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. HUCITEC Editora.

Castro, E. D., Saito, C. M., Drumond, F. V. F., & Lima, L. J. C. de. (2011). Ateliês de corpo e arte: inventividade, produção estética e participação sociocultural. *Revista de Terapia Ocupacional Da Universidade de São Paulo*, 22(3), 254–262. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i3p254-262>

Castro, E.D.; Inforsato, E.A.; Bulau, R.M.; Valent, I.U.; Lima, E.A. Território e diversidade: trajetórias da terapia ocupacional em experiências de arte e cultura. *Cadernos de Terapia Ocupacional. UFSCar*, São Carlos, 24(1), 3-12, 2016. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0663>

Gastaldo, D., Magalhães, L., Carrasco, C., & Davy, C. (2012). *Body-Map Storytelling as Research: Methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping*. Recuperado de: https://www.migrationhealth.ca/sites/default/files/Body-map_storytelling_as_reseach_HQ.pdf

Gonçalves, M. V. (2020). *A mobilidade urbana de jovens em projeto social do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, e suas relações com a terapia ocupacional social* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12361>

Hartman, L. R., Mandich, A., Magalhães, L., & Orchard, T. (2011). How Do We 'See' Occupations? An Examination of Visual Research Methodologies in the Study of Human Occupation. *Journal of Occupational Science*, 18(4), 292–305. <https://doi.org/10.1080/14427591.2011.610776>

Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (6a.ed). Record.

Takeiti, B. A., & Gonçalves, M. V. (2021). *Juventude(s) e arte-cultura no Complexo do Alemão: narrativas de uma experiência em extensão* (1a. ed.). Brazil Publishing. <https://doi.org/10.31012/978-65-5861-732-7>

Vasconcelos, F. A. de. (2017). Filosofia Ubuntu. *Logeion: Filosofia Da Informação*, 3(2), 100–112. <https://doi.org/10.21728/logeion.2017v3n2.p100-112>

Agradecimentos: Aos estudantes e gestores do Colégio Estadual “Olga Benário Prestes”, em Bonsucesso e aos jovens e equipe técnica do Espaço Democrático de União, Convivência, Aprendizagem e Prevenção - EDUCAP, pela oportunidade da parceria e convivência.

Contribuição dos autores: B. A. T.: Produção e análise dos dados. Concepção, escrita e revisão do artigo. M. V. G.: Produção e análise dos dados. Concepção, escrita e revisão do artigo.

Fonte de financiamento: Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão (PROFAEX/UFRJ).

Recebido em: 22/07/2024

Aceito em: 27/01/2025

Publicado em: 12/03/2025

Editora convidada: Grasielle Silveira tavares